

Galvêas tenta restabelecer fluxo de investimento

FROTA NETO
Da Editoria de Economia

Para melhoria do perfil econômico brasileiro é vital a compreensão da comunidade econômico-financeira internacional. Não apenas dos bancos com quem o Governo do Brasil renegocia metade de sua dívida externa. Mas também, e muito principalmente a partir de agora, dos investidores que devem garantir um fluxo constante e significativo de recursos — (gerador de produção e emprego) — que, não tendo o alto custo do mercado financeiro, representa força propulsora contra a recessão.

Está sendo mais ou menos nesses termos que o ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, se dirige, desde ontem, aos empresários eu-

ropeus e norte-americanos que estão participando do simpósio anual "empresa-governo" na cidade suíça de Davos. Galvêas é já um veterano desses encontros. Desde a primeira versão que ele ali comparece, chefiando uma delegação informal de industriais e banqueiros.

Como das vezes anteriores, a dívida externa brasileira não é esquecida. Mas também não é colocada no centro das preocupações. A questão básica argüido não é se o Brasil vai pagar. O fundamental constantemente indagado, notadamente por parte dos europeus, é quanto ao limite de sacrifícios que podem ser impostos à Sociedade brasileira. A Europa tem uma larga e turbulenta tradição de experiências sobre o caos econômico provocado e provocando o caos social. A Europa sabe que o Brasil

em crise econômica permanente leva resquícios de risco de instabilidade política e social. Em tal condição não seria apenas o pagamento da dívida que estaria em perigo. Mas também o futuro dos investimentos do mundo rico e industrializado no Brasil. Em linguagem comum, a dívida externa, através dos serviços (os juros em escala estratosférica) são os "ovos de ouro". A constante — a "galinha dos ovos de ouro" são os investimentos. A comunidade de bancos e empresas sabe que os "ovos" são substituíveis, a "galinha" não.

Em parte é a simples presença do ministro Galvêas no simpósio de Davos que está relembrando e reafirmando essa realidade. Num toque tanto mais preciso e oportuno quanto coincide exatamente com o momento em que o Brasil se

aproxima de fechar a renegociação de uma parcela de quase 50 bilhões de dólares de sua dívida. Mas para o Brasil o interesse nesse encontro "empresa-governo" não se conclui sobre as condicionantes do atual Governo — ele próprio já quase passado. Galvêas deve estar aproveitando seus contatos para solidificar a "ponte" de entrosamento sobre o que muda e sobre o que permanece na administração que se instalará a partir de março. Nesse ponto peculiar é fundamental que a comunidade econômico-financeira internacional entenda de uma vez por todas que há boa vontade brasileira em cumprir seus compromissos. Mas que também há resistência e uma certa fadiga com a manutenção das atuais regras — um balizamento que, nos últimos três anos tem cobrado sacrifícios sem troca satisfatória.